

Rui Barbosa

Era uma vez....

Eni Valentim Torres

(In:A casa de Rui cheia de encantos. 1995.P: 7-10).

um menino baiano de nome Rui – tão pequeno quanto seu nome – que nasceu num dia 5 de novembro do distante ano de 1849. Seus pais sonharam para ele dias felizes e desejaram que fosse culto e importante. Papai João José decidiu educá-lo e cuidava de ensinar-lhe o amor aos livros e à música. À mamãe Maria Adélia coube a tarefa de fazê-lo conhecer a religião, o amor ao próximo, o respeito e a proteção aos humildes, sobretudo a moral cristã.

Estudar era a vida do menino baiano. Com dezesseis anos, incompletos matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife. E descobriu um das suas duas grandes vocações: advogado e jornalista. Depois, seguiu o menino para São Paulo, onde terminaria o curso de Direito. Quando ele chegou, os colegas ficaram impressionados com vários caixotes de livros que desembarcaram do navio. Já então sua biblioteca era grande.

Em São Paulo, ele antecipara o que seria o homem Rui: escrevia nos jornais da Faculdade, discursava e se envolvia nas/os questões políticas e sociais. Formado, começou a trabalhar como advogado em sua terra natal. E também como jornalista, no Diário da Bahia.

No Brasil de 1875 a escravidão era discutida e Rui colocou-se a favor dos escravos. Não poderia – é claro - esquecer-se dos ensinamentos recebidos na infância: a defesa dos perseguidos injustamente.

Aos 25 anos encontrou a querida companheira que com ele viveria 46 anos – Maria Augusta, a sua Cota. Deles nasceriam 5 filhos: Maria Adélia, Alfredo Rui, Francisca, João e Maria Luísa Vitória.

À família e à carreira Rui se dedicaria ativa e profundamente. E foi envelhecendo lutando e vencendo as dificuldades e os entraves.

Em 1889, Rui trabalhou num jornal muito importante do Rio de Janeiro - O Diário de Notícias. E escreveu artigos nos quais analisava a política do Imperador D. Pedro II e seu ministério. Especialmente num destes artigos, o dia 9 de novembro, Rui pregou a revolução e, segundo algumas estudiosos da nossa História, colaborou dessa forma para a Proclamação da República. No Novo Governo Rui foi escolhido ministro da Fazenda e da Justiça (interino).

Em todos os fatos importantes e, às vezes, complicados, de nosso país, Rui estava envolvido. Como aconteceu no ano de 1891: a Constituição foi, praticamente, escrita por ele. E como em 1892, quando se envolveu com a questão dos presos políticos que o Governo mandou para o Amazonas. Rui defendeu-os com um *habeas-corpus* – pedido feito pelos advogados ao juiz para garantir a liberdade de locomoção dos presos ilegalmente ou por abuso de poder. E foi o primeiro *habeas-corpus* sob questão política na justiça republicana.

Certa vez, estando na direção do *Jornal do Brasil*, Rui publicou a defesa dos presos políticos. Era 1893. Então, quando saía da sede do *Jornal do Brasil*, no dia 5 de setembro, foi avisado que aconteceria a Revolta da Armada no dia seguinte. Escondeu-se, porque fora considerado o líder intelectual do movimento. E pediu asilo à Legação do Chile. Em seguida, disfarçado de turista inglês embarcou para a Argentina – já com a família. Depois, foi para Portugal e, finalmente, para Londres – Inglaterra – onde ficou morando até voltar para o Brasil, em 1895.

Rui sofreu muito durante o seu afastamento da Pátria tão amada. Aqui deixou os amigos, e a sua casa – que começara a comprar no ano de 1893.

Embora distante, Rui continuou a produzir trabalhos importantes. São dessa época as famosas Cartas de Inglaterra – publicadas no *Jornal do Comércio*. No dia 12 de julho de 1895 Rui e sua família – já maior, pois nascera a caçulinha Baby (Maria Luísa Vitória) – voltaram ao Brasil. E Rui foi recebido com grandes homenagens. E, enfim, chegou à casa da Rua São Clemente – a Vila Maria Augusta – onde moraria até a morte, em 01 de março de 1923.

(Adaptado do texto ERA UMA VEZ... In: CRUZ, Domingo Gonzalez. A casa de Rui cheia de encantos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995. p: 7-10).